



# Desinformação e política entre a juventude: um estudo de caso em Campinas (SP)

**Palavras-chave:** Educação política, informação política, juventude

**Autores:**

**Ryan Batisteti Dias, IFCH - Unicamp**

**Beatriz Ferraz Delbel Martinez Gori, IFCH - Unicamp**

**Prof. Dra. Andréa Marcondes de Freitas (orientadora), IFCH - Unicamp**

---

## Introdução

Considerando que a cidadania não é inata ao indivíduo, seu aprendizado também precisa ser encarado como um processo formativo, afinal, é através da educação que o indivíduo consolida as informações necessárias progressivamente até conseguir se estabelecer como um adulto apto para expressar seus interesses políticos na sociedade.

Contudo, a participação política vai para além do conhecimento em si, ela também denota identificação e emoção. Sua expressão é subjetiva para cada indivíduo, não sendo vinculado unicamente ao seu conhecimento formal; assim, a prática demanda outros tipos de formações que são negligenciadas no processo de educação que se limita à visão que a democracia se resume ao voto periódico para representantes de instituições muito afastadas do cotidiano da maioria da população. Portanto, seria a Educação Política aqui trabalhada, um processo que considera elementos para além do voto, como expressões comunitárias, culturais, de afirmação e de qualquer processo decisório entre indivíduos (CARRANO, 2012).

## Metodologia

A pesquisa de *survey* foi realizada com jovens de 14 a 21 anos, estudantes do município de Campinas. A equipe de pesquisadores se dividiu em subgrupos, e realizou entrevistas em escolas públicas e privadas, áreas públicas e de sociabilidade, como parques e praças, e conseguiu obter 56 entrevistas. A identidade dos entrevistados não foi requisitada, pois apenas sua faixa de renda, escolaridade, idade e posicionamentos pessoais e familiares eram relevantes para a pesquisa. As questões mediram o nível de conhecimento dos jovens sobre as instituições políticas do país, as eleições de 2022 e seu engajamento na política nacional.

Através do *survey*, pudemos qualificar o que se entende por engajamento político e quais as formas de acesso à informação presentes entre a juventude nesse recorte, bem como mensurar o grau de confiabilidade atribuída às fontes de informação. Entretanto, os dados obtidos não contemplam uma escala de representatividade campineira, muito menos de um escopo maior, devido à baixa quantidade de respostas e o recorte desigual dos perfis mensurados, por isso, o engajamento jovem não pode ser universalizado no *survey*<sup>1</sup>, o que não retira o seu valor de hipóteses e de iniciativa para pesquisas futuras.

## Resultados e Discussão

Uma constatação muito interessante que pudemos obter foi que, no período da pandemia da Covid-19, aproximadamente 40% dos entrevistados passaram a buscar por mais informações sobre política. Apesar disso, 72,5% do total dos jovens disseram que não compartilham informações relacionadas a política em suas redes sociais. Várias hipóteses podem surgir à mente para justificar o aumento da busca de informação, mas a não circulação da mesma, como o medo de retaliação na internet e possíveis desentendimentos com amigos e familiares. Além disso, também há a hipótese vinculada à interpretação positiva dos entrevistados sobre a informação, ou seja, devido ao valor dado à informação, o jovem pode atribuir a responsabilidade de se informar ao próprio indivíduo; ou, em movimento contrário, podem considerar que a disseminação de informação não é importante ao ponto de se criar um senso de responsabilidade para fazê-lo.

De fato, muitos jovens se descrevem como pouco engajados e isso fica evidente no Gráfico 1 ao lado:

Ao analisarmos o gráfico, parece lógico afirmar que o jovem é pouco engajado, mas essa afirmação pode ser mais complexa do que aparenta. A interpretação do que é o engajamento pode ser vasta, contudo, dos entrevistados nessa pesquisa, a partir da pergunta: “o que é política para você?” houve um destaque significativo (59% das respostas) que vincularam tudo o que é política à face institucional e eleitoral. Portanto, o resultado do

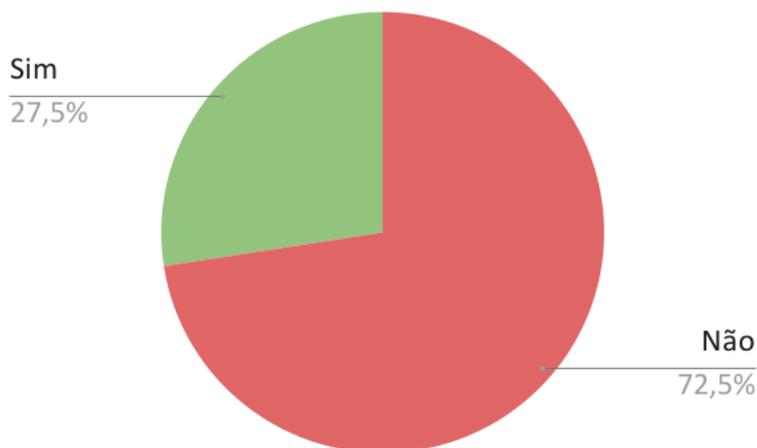


Gráfico 1 - Você se considera uma pessoa engajada politicamente?

Fonte: Elaboração própria, 2023.

<sup>1</sup> Não pode ser universalizado justamente pelo recorte limitado da pesquisa. Mesmo com o esforço dos pesquisadores de cobrir a maior variedade possível de entrevistados do número total de jovens em que o *survey* foi aplicado, 23,8% provém de renda baixa (entre 1 SM a 2 SM); 23,8 de renda baixa-média (entre 2 SM a 3 SM); 7% de renda média (entre 3 SM a 4 SM); 9,5% de renda média-alta (entre 4 SM a 5 SM) e 35,7% de renda alta (mais de 5 SM). Além disso, em um recorte racial, 61,1% dos entrevistados se consideram brancos; 22,2% se consideram pardos; 7,4% se consideram pretos; 3,7% se consideram amarelos; 3,7% se consideram indígenas e 1,9% não souberam responder.

Gráfico 1 deve ser encarado criticamente ao ponderar que grande parte dos jovens limitam sua definição de engajamento político ao meio formal e conhecido por ser inacessível.

Ao constatar esse vínculo da interpretação do jovem sobre a política com as instituições, nossa pesquisa também buscou mensurar as informações que chegam aos jovens sobre esse meio específico e como os resultados poderiam fornecer novas inferências.

No Gráfico 2 ao lado conseguimos obter duas informações: 1) o jovem se considera, em média, razoavelmente bem informado politicamente, apesar de todos os dados anteriores sobre o seu engajamento e disseminação de informações; 2) os entrevistados evitaram extremos em suas respostas, ou seja, não tiveram segurança o suficiente para afirmar que eram bem informados, ao mesmo tempo que não se consideravam completamente leigos no assunto.

O acesso à informação é fundamental para o embasamento que permitirá o papel crítico do cidadão. Segundo Robert Dahl (2001), o conhecimento que chega para o indivíduo é uma forte determinante para suas pautas políticas, mesmo que não seja a única. Logo, a qualidade do debate, e a própria mudança de perspectiva acerca da política, pode ser influenciada, em grande parte, pelo conteúdo que é disseminado pelos meios de informação e comunicação, e a forma com que os indivíduos assumem tais informações.

Todavia, o amplo acesso à informação não necessariamente significa que haverá engajamento, por exemplo, informações falsas podem prejudicar o discernimento ou, dependendo de seu teor ideológico, podem minar o interesse do jovem por meio da depreciação do ramo político, como dito por Forlini e Fernandes:

A revolução nos setores da comunicação também são um fator a ser considerado, já que a quantidade bruta de informação política disponível aumentou imensamente, sem que esse aumento esteja relacionado a uma melhoria na compreensão destas (FERNANDES e FORLINI, 2016, p. 31).

Para contornar essa situação, precisamos pensar em como adicionar práticas pedagógicas ligadas à política nas escolas, como é o caso das aulas e oficinas oferecidas pelo PROEEP-Unicamp. O programa faz jogos interativos com turmas de ensino fundamental, médio e cursinhos pré-vestibular. Um desses jogos, chamado “Fato ou *Fake*”, possui como objetivo apresentar diferentes notícias para crianças e adolescentes, levando-os a julgarem se elas são verdadeiras ou falsas. Esse exercício não só estimula o interesse pelos assuntos políticos, mas o desenvolvimento do senso crítico.

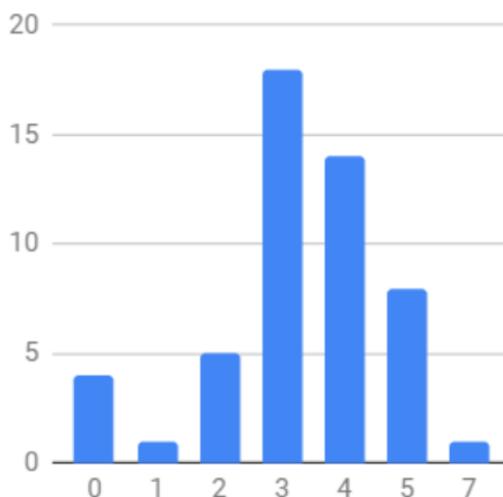


Gráfico 2 - Numa escala de 0 a 7, o quanto considera que sabe sobre as instituições políticas do nosso país?

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Nossas propostas não se resumem a métodos didáticos alternativos. Mensurar os impactos dos produtos educacionais do PROEEP, por exemplo, é um estímulo para pesquisas futuras. Ainda assim, buscamos demonstrar algumas dessas iniciativas a fim de justificar a importância da relação do acesso à informação e o engajamento político a ser desenvolvido. Pois, acesso à informação não é apenas conseguir consumir o conteúdo disponível, mas ter a capacidade de compreender os valores simbólicos que essa informação carrega, se ela é um fato ou um *fake* como dito no jogo e o que se fará com ela a partir disso.

Se essa relação é tão necessária e, ao mesmo tempo, negligenciada, caberia à educação, em seu papel de transmissora de conhecimentos e construção de habilidades, fomentar as aptidões necessárias com o objetivo de existir uma aproximação entre o jovem e o desenvolvimento de uma cidadania ativa. Com bases sólidas e um senso crítico desenvolvido, os questionamentos e a busca pela informação poderiam se tornar mais acessíveis e, conseqüentemente, transformadoras.

### **Conclusão**

O presente artigo buscou refletir sobre a difusão de conhecimento entre os jovens, seja pelos meios de comunicação, familiares ou pela educação política. Como pudemos notar, os entrevistados demonstram acesso à informação, mas não se sentem aptos para a participação política.

Com a falta de confiança nas instituições e um conseqüente preconceito em relação a assuntos políticos, a juventude não sente necessidade de pesquisar mais a fundo sobre esses temas, e muito menos de criticar suas atuais fontes de informação. A defasagem por informações de qualidade acerca da política, bem como a falta de interesse por esta, se revela não apenas no âmbito informacional, mas na construção de um senso crítico que permita e incentive a busca de conhecimento e uma participação ativa e consciente.

Ao longo do artigo, refletimos também sobre a participação da educação política como salvadora do engajamento juvenil. No entanto, concluímos que uma mera inserção de conhecimento abstraído de um currículo conteudista em prol de produção, o aluno não conseguirá, por si próprio, adquirir o conhecimento necessário para a sua independência, da mesma forma que, sequer, se sentirá apto para participar do ramo que determina todas as esferas de sua vida.

A partir disso, depreendemos que o engajamento político dos jovens brasileiros, com base em nossa pesquisa de campo, não se baseia em apenas um componente, mas em diversos pilares que devem se relacionar para formar uma verdadeira consciência política, que englobam as vivências pessoais, o senso crítico, o contexto social, a educação, o acesso à informação e, por fim, o acesso aos espaços de manifestação política.

## **Bibliografia**

CARRANO, Paulo. **A participação social e política de jovens no Brasil**: considerações sobre estudos recentes. *O Social em Questão*, ano XV, n. 27, 2012.

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

DANTAS, Humberto. **Educação política nas periferias** da Grande São Paulo: percepções com base na posição de jovens de 15 a 18 anos em 2015 em ações da Fundação Konrad Adenauer. Disponível em *Cadernos Adenauer XVII*, 2016.

DANTAS, Humberto. **O caráter essencial da Educação Política e o desenvolvimento da democracia no Brasil**. In: *Cadernos Adenauer XI* (2010), n°3: Educação Política: reflexões e práticas democráticas. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2010.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009

RUSSO, Guilherme; AZZI, Roberta; FAVERI, Charlene. **Confiança nas instituições políticas: diferenças e interdependência nas opiniões de jovens e população brasileira**. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 24, n°2, maio-agosto, p. 365-404, 2018.

SILVEIRA, Luciana. **Democracia, Participação e Fake news no Brasil**. In *Cidadania, Democracia e Participação: Práticas Pedagógicas para o Ensino Fundamental II e Médio*; Porto Alegre : Simplíssimo, 2022.